

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 24 DE SETEMBRO DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 143

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	V. MAGALHÃES.
Ramalho Ortigão.....	ALGUEM.
Ansio de critica.....	A. DE OLIVEIRA.
Almas e o sol, poesia.....	U. DUARTE.
Emalidades e paradoxos	
Nota á «Procição dos Mo-	
ribundos».....	C. C. BRANCO.
Pinho negro, soneto.....	M. PEDERNEIRAS
Nota s Valentim Maga-	
lhães.....	M. RAMALHO.
Notas bibliographicas.....	V.
Jornaes e Revistas.....	A. MAGALHÃES.
A cabana, poesia.....	FISCHIO.
Casos patuscos.....	V. GUILMARÃES.
Amor de Lezero.....	DR. ONETT.
Tronicas scientificas.....	M. DE ASSIS.
Signas esquecidas.....	
Busca do Imperador.....	J. DE M. SILVA.
Notas, bailes e concertos	TIO ANTONIO.
Porto.....	L. M. BASTOS.
Declaração.....	ENRICO.
Rebermos.....	J. DE ARAUJO.
Porto da gerencia.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

PROVINCIAS

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos us. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenha-

das por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesia de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por aca mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Cahio como uma bomba, no casto seio do ministerio Cotegepe, a noticia da eleição do Pernambuco, que deu a victoria a Joaquim Nabuco. A heroica provincia enriçou a como uma vez mais e virou de catrambias o Sr. Portella, ministro do Imperio.

Eu, como já por vezes hei solemnemente declinado, não percebo nada de politica; mas acredito que seja excepcional o merito do Sr. Portella, para que o Sr. Cotegepe procurasse retelo no ministerio, depois de ter perdido a batalha eleitoral.

Passados alguns dias depois da terrivel noticia, o Sr. Portella sempre conseguiu safar-se do gabinete reservado onde se decidem os destinos d'este grande paiz.

Entre as noticias, dadas pelas folhas diarias, da retirada do Sr. Portella, eu destacarei, no relevo da transcripção, a do *Paiz*, por me parecer patusca e typica.

E' uma noticia caracteristica de folha opposicionista, e está escripta com tanto talento quanta grammatica. Destaca-se na solemnidade de um entrelinhado, entre os telegrammas e os *Topics*.

Leia-a com attenção o meu leitor, e calunnie-me depois dizendo que eu lhe não forneço bons pratos:

Eil-a:

« O Sr. conselheiro Machado Portella já não é ministro do imperio.

« Por decreto de houtem foi-lhe concedida a exoneração que pediu, ou antes que lh'a deram os eleitores do 1º districto de Pernambuco.

« Fica S. Ex. sem pasta e sem cadeirno no parlamento. A lição é dura, mas proveitosa... aos futuros, não aos presentes.

« O resto do ministerio continúa, assumindo *interinamente* a pasta do imperio o mesmo Sr. presidente do conselho. »

Fica o meu leitor sabendo que ao Sr. Portella foi concedida a exoneração que lh'a deram os eleitores do 1º districto de Pernambuco.

Referindo-se a um livro muito mal escripto, disse uma vez Ramalho Ortigão nas *Farpas*:

« Isto não é escrever; é coçar-se. »
E' natural que, ao ler aquella noticia, o meu leitor exclame: n'um frouxo de riso, — isto já não é coçar-se; é babar-se!

Deve partir hojs para Buenos-Ayres a companhia Emanuel.

Vae-se, para só voltar d'aqui a tres annos, o grande artista italiano que primeiro nos mostrou a *verdade* na arte de representar. Esta folha já uma vez disse que Emanuel era no theatro o que Zola é na litteratura. um renovador audacioso e tenacissimo, um rebelde contra todas as convenções e todos os preconceitos da trndição.

Fazendo a apreciação a largos traços da maneira do grande artista, o tendo duvidas ácerca da victoria do naturalismo no theatro, pergunta o *Jornal do Commercio* de houtem « Como hade o actor representar naturalmente uma personagem que sahio tola artificial da cabeça do auctor? »

Antes de formulada pelo *Jornal*, esta interrogação já por vezes nos assaltára o espirito; mas depois que vimos o papel de Kean representado pelo grande actor, convencemo-nos cabalmente de que isso era possivel. E o papel de Kean vem para o caso, como se costuma dizer: — a talho de foice.

Não conhecemos no theatro moderno papel de importancia, mais falso, mais artificial e mais desegual. Entretanto, quando o vimos feito por Emanuel, toda esta impressão se nos desvaneceu, e vimos um Kean natural, humano e perfeito; um Kean comprehensivel e verdadeiro, deixando perceber entre o brilhantismo do seu segundo meio a influencia remota do primeiro.

— Mas, dir-nos-ão, não é o Kean brilhante que nós conhecemos; não é n Kean imaginado por Dumas.

E' exactamente ahi que se revela o genio do artista. O auctor deu-lhe um modelo falso e contrafeito, e o actor apresenta-nos uma estatua talhada a primor, de linhas humanas correctissimas, animada pelo sopró genial da sua arte e do seu talento.

Se o naturalismo, isto é — o *verismo*, tiver mais dois ou tres propugandores da força de Emanuel, ha de infallivelmente vingar no theatro, e então a evolução da litteratura dramatica terá forçosamente de acompanhar a evolução do theatro, e os grandes nactores screverão peças para os grandes actores naturaes e simples como Emanuel.

Mas não é agora occasião para discutirmos assumpto tão complexo. Emanuel parte, mas leva a certeza de que nos deslumbrou a todos e a grata impressão do bom acolhimento que tive-

ram aqui a sua escola e as suas excepçoes quilibraes artisticas.

O assombroso creador de Arduino, de Othello, de Hamlet e de Conrado, fechou a serie dos seus triumphos com aquelle estupendo Nero, uma das mais vastas, das mais delicadas, das mais subteis, e talvez n' mais completa das suas creações artisticas.

Deapeço-me saudoso do grande actor assim como dos seus bona companheiros Virginia Reiter, Aleotti, Valenti, Roncoroni e todos os que o ajudaram a proporcionar-nos as inolvidaveis noites do Pedro II e do S. Pedro, onde a grande Arte tocou o apogéo da gloria, elevada nos hombros athleticos do maior artista que temos admirado no Brazil.

Galernos ventos o conduzam ás terras do Prata, que neste momento eu sinceramente invejo. Aqui lhe fiz os meus cordiaes cumprimentos á chegada, aqui lhe tributei em phrases pallidas a homenagem da minha admiração e do meu assombro, e aqui lhe deixo o meu adeus saudosissimo, ainda impressionado pela ultima noite artistica com que me extasiou o seu genio.

Até á volta, grande e incomparavel Emanuel!

FILINDAL.

RAMALHO ORTIGÃO

A proposito de um trecho do segundo artigo dos treas que sobre o illustre critico portuguez escrevi nesta folha, publicou Urbano Duarte, na sua apreciada *Chronica Fluminense* do *Diario Mercantil* de 11 do corrente, o seguinte:

« Valentim Magalhães tem escripto na *Semana* uns magnificos artigos sobre a individualidade de Ramalho Ortigão. Concorde em geral com as judiciosas opiniões que emitta n' respeito do illustre critico portuguez. Mas no seu ultimo artigo leio o seguinte:

« Conversava eu com o meu irmão, o illustrado e benemerito propugrador do Gabinete Portuguez de Leitura, e com outro cavalheiro ácerca de Ramalho, que estava no pavimento superior da casa concludo a sua *toilette*, e dizia-me aquelle que este, sendo mais velho do que elle, parecia mais moço; que, tendo cincoenta annos, não figurava ter mais de quarenta, quando Ramalho entrou, lépido, gentil, affavel, correctamente eucaseado, altos collarinhos alvissimos, grnata branca atada graciosamente; e de todo elle exalava-se um perfume de agua da Colonia, sabão inglez e charuto de Havana.

« Senti-me aniquilado e nullo, abolutamente impresntavel, com os meus vinte e tantos annos, junto e dentte d'aquelle quinquagenario juvenile, possante, prompto para tudo, e para tudo apto e disposto.

« Ramalho tem a religião da Força.

Em poucas palavras, facéis, precisas, coloridas, expoz-mo as bases do seu culto.

— E' muito util que se pense de um escriptor que é — um burro, na força. C'meca porque ninguom se atoverá a d'al-o!

Não quero fazer blague sobre a impressão do Valentim, que se julgou nullo e imprestavel perante o quinquagenario ntilético o regumante de vida.

E' um excesso de modestia, talvez manifestado com a sinceridade do momento, mas que conveiu logo rebater. O Valentim admira a robustez physica do Sr. Ramalho Ortigão e entende que é esta a melhor qualidade do seu talento de escriptor.

Ora vejam como são as cousas! O que eu mais admiro no Valentim é justamente aquillo que o faz *amiquil-lar-se* em frente do Sr. Ortigão — quero dizer, o seu physico debil, o seu estomago dyspeptico, o seu sangue pobre, empenhados em luta titamica com um dos systems nervosos mais intensos, mais ricos e mais vibrateis que tenbo conhecido.

E' isto que eu mais admiro, porque isto significa o esforço soberano da energia moral para vencer as rebeliões da materia.

Eu sei que o supremo ideal é ailiar a validez physica á saude do espirito; so que o desequilibrio nas funcões organicas traz ás vezes como consequencia o desequilibrio nas funcões da mentalidade e do coração.

Porém fica tu certo, meu caro Valentim, de que a primeira condição, a condição essencialissima para o artista o para o escriptor, não é possuir um thorax de Hercules ou um biceps de açougueiro, não é o apuro de *toilette* nem os cuidados da hygiene; são cousas muito importantes e muito recomendaveis, mas secundarias. O essencial é ter talento; e Ramalho Ortigão é quem é por possuil-o no mais elevado grao, um talento solido e brilhante, amadurecido pelo estudo dos homens e das cousas do seu tempo. A bella independencia e exemplar desassombro com que externa o seu pensar não derivam da possança dos seus musculos nem da correção do seu traje, mas da possança do seu cerebro e da orientação do seu espirito. São cousas diferentes, que por acaso se podem encontrar reunidas, mas que não tem esta intima correlação que queres enxergar.

Conheço homens fortes e robustos que se distinguem por notavel pusillanidade e fraqueza mental.

Aqui bem perto de mim, numa rua adjacente, mora um bonito rapagão, espadado, bem constituido, grandes olhos luminosos, barba que parece um jardim hollandez, fronte alta e correctã, nariz ousado, bocca rasgada e firme, andar rhythmico, voz despachada e sonora.

Os seus collarinhos são alvissimos, e de todo elle tambem se exbalta um perfume de agoa da Colonia, sabão inglez e charutó de Havana.

Entretanto, se tu trocasses idéss com este cavalheiro durante meia hora, ficarias convencido, como eu, de que elle é uma grandissima besta — em tudo que não diga respeito ao seu bem estar physico.

Além do seu enorme talento e da sua variadissima illustração, Ramalho destaca-se em alto relevo do commum dos escriptores portuguezes e brazileiros por uma qualidade verdadeiramente excepcional, que lhe empresta milagroso poder: — a sinceridade.

Tem a coragem dos convencidos e a intrepidez irreductivel do que só caminham em linha recta.

Neste ponto todos nós, os moíños, os tímidos, os irresolutos, que nunca podemos dizer o que pensamos e o que sentimos, pela razão muito simples de que não sabemos como pensar e que seair em frente dos complicadissimos phenomenos da vida social, neste ponto uada mais devemos fazer do que nos curvamos reverentemente perante o athleta.

Se não fosse um bom pretexto para transcripção de tão vivo e saeno trecho de prosa, talvez que en resistisse ao desejo de responder a Urbano Duarte, pois creio que divergio de mim apenas, tambem, como pretexto para escre-

vel-o. O meu amigo entendeu-me, bem que mo entendeu; mas não quiz perder o ensejo de me dizer umas cousas amaveis (o que de coração lhe agradeço) e de emitir umas phrases graciosas.

Sim, Urbano gracejava quando escreveu que eu entendo ser a robustez physica de Ramalho Ortigão a melhor qualidade de seu talento de escriptor.

E' claro, clarissimo, que a primeira condição para o artista e para o escriptor é ter talento; de accordo.

Pode-se ter a força de Hercules, a belleza de Apollo, a graça de Adonis e, não obstante, ser perfectamente idiota, tapado como um portão; e *vice-versa*: não se possuiu nenbuna d'aquellas ricas qualidades e ter talento a valer, ser tão cheio de graça como a Virgem Maria e ter estylo como o diabo.

Ha muitos annos anda Camillo Castello Branco a lamentar « seu proximo fim », a dizer que morrerá no dia seguinte, e, no entanto, continúa a assombrar a gente com a prosa muis inprevistamente pittoresca e mais estrepitosamente forte que se escreve em lingua portugueza?

Quem diria, lendo Guilherme de Azevedo, que este escriptor era uma lamentabilissima victima do rachtismo e da escrophulose? Não são Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro dois atormentados dyspepticos o duas *fracas figuras*? Mas deixemo-nos de mais exemplos; aliás facéis de accumular.

O talento, em si, nada ou mui pouco tem que ver com a força physica; mas na obra do artista, nos productos do talento influem muitissimo a robustez e a saude do corpo.

Todos os grandes reformadores, todos os constructores de obras grandes, homogeneas e methodicas, todos os vastos creadores têm sido homens fortes, duros o saos, como os rudes cultivadores da terra.

Rabelais, o immortal medico e padre, sabio e puudego, o universal doutor, fei até aos sessenta e tres annos com que morreu « *bon Gaultier et bon compagnon et en ce non bien venu en toutes bonnes compagnies de Pantagruelistes* ».

Rabelais, essa especie de Rubens gaullez da prosa — « resume só por si toda a media idade sensual, facciosa, satyrica e escarninha » — diz Luiz Moland. O creador do « Grande Gargantua » e do seu filho Pantagruel tinha a alegria e, portanto, a saude de um gigante.

Balzac era forte e laborioso como um boi. Devorava duzias de peras e de cachos d'uvas, bebendo-lhes em cima almudes de agua fresca, como um pastor lendario, dos tempos de Homero. Lutou dois terços da sua vida com a mais terrivel das feras — o cródor; escreveu *A Comedia Humana* e viveu meio seculo: era um gigante.

E Dumas? o amplo, o risonho, o plethorico, o inexgotavel Dumas? Passou toda a vida a esbaajar-se, a prodigalissar-se, a gastar-se doudamente, a gosar e a trabalhar; teve cem amantes e fez mais de cem livros e, — apesar de tudo isso — viveu tanto como Rabelais — sessenta e tres annos.

Lembro ainda Flaubert, o enorme Flaubert — morto de uma apoplexia; Victor Hugo, que aos oitenta annos trabalhava tanto como aos viate; Emilio Zola — solido, pertinaz, inteiriço como uma torre.

Ora o que eu admiro, o que eu invejo em Ramalho Ortigão é essa organisação physica e essa saúde athleticas, que lhe permitem ser um trabalhador

methodico, valente, incnsavel, e, sobretudo, que lho dão a conlança nas proprias forças, a esperança nos resultados da sua obra e a serenidade imperturbavel dos que, sentindo-ae capazes de fszer alguma cousa de grande, caminham em linha recta ao sou fim, sem temor nem desfallecimentos.

Urbano, amavelmente, diz admirar mais do que a robustez physica do Sr. R. Ortigão « o esforço soberano da energia moral para vencer as rebeliões da materia » empregado por mim, segundo pensa.

E' certo que procuro substituir pela força da vontade, pela energia moral, o que me fallece em força muscular, em energia sanguinea: mas serei toda a minha vida um nervoso, um desequilibrado... Não digo um *agitado*, porque, depois da applicação que d'esse termo fez o Dr. Petter, de Paris, ao estado do Imperador, e das explicações do Dr. Derneval, redactor da *Gazeta de Noticias, attaché ao estado mental* do Sr. D. Pedro d'Alcantara, *agitado* é, mais ou menos, synonymo de maluco.

Faltar-me-á sempre o perfeito equilibrio das energiss pbsicas, moraes e intellectuaes, que produz os grandes creadores, os trabalhadores benemeritos e imorredouros.

Conheço tambem o « bonito rapagão » a « grandissima besta » a que se refere Urbano Duarte, e mais cem como elle, e não paro estatelado, boquiaberto, ante elles. Que os leve um máu diabo!

Mas siato-me pequeno e sinto-me invejoso quando vejo um rapagão d'esses — chamando-se Ramalho Ortigão, isto é: aliado á pujança physica a pujança mental, porque, aquella é o combustivel d'esta, se assim me posso exprimir.

Além de tudo, Urbano Duarte, afinal, vem a concordar plenamente comigo. Leiam-se os tres ultimos periodos do seu artigo. Essa « qualidade excepcional — a sinceridade, a coragem dos convencidos, a intrepidez irreductivel dos que só caminham em linha recta, » que Urbano Duarte admira em Ramalho Ortigão, somente se encontram, em toda a sua graudeza, em todo o seu poder de expansão, nos verdadeiramente fortes, nos que tem thorax de Hercules e biceps de açougueiro, nos que são, quanto ao physico, exactamente eguaes áquella « grandissima besta » de, que é visinho o meu bom amigo Urbano Duarte.

VALENTIM MAGALHÃES.

« ENSAIO DE CRITICA »

Com este modesto titulo acaba o Sr. Alvares da Costa de publicar em Pernambuco um volume de uma centena de paginas.

E' sempre com o mais sincero gosto que registramos o apparecimento de obras taes, infelizmente tão raras entre nós e tão pouco lidas pelo nosso publico. A febre jornalistica vae, cada vez mais vertiginosamente, soffocando, com os seus artigos ligeiros e corridos, a critica meditada e conscienciosa, que só o livro cemptora.

() publico tem preguença de pensar e o redctor tem ainda mais de o corrigir e educar-lhe n gosto. O Brazil ainda não sabe escrever, nem ler;

como egualmente não sabe ver, nem sentir. Seu ideal artistico em questões de lottras caminha, ds olhos fechados e de carreira, para o estylo telegraphico. Os solitarios livros que surgem, pois, em nosso pobre mercado litterario, passam envergonhados e tristes por entre a esfurvilhação das noticias do dia, como sombras fugitivas e errantes, que ninguem comprehende. Os jornalistas mal os folheiam e só falam d'elles quando qualquer circumstancia particular os obriga a isso — o odio ou a amizade. Hoje quasi ninguem faz critica pela critica; de sorte que o simples facto do apparecimento de um livro sobre litteratura, sejs este embora muito fraco, é para nós outros, teimosos namorados da arte, caso de regosijo e applauso.

Felizmente o livro do Sr. Alvares da Costa não está naquellas condições e offerece campo mais ao louvor do que á censura. Sente-se, é verdade, que o autor principia agora a exercitar o seu talento: percebe-se que a sua penna ainda está nova e pouco familiarisada com a tinta, mas, em compensação, advinha-se que n'uma segunda obra, que ella com certeza nos dará, encontraremos o que falta nesta: mais unidade na forma, independencia de julgamento e orientação accentuada.

O estylo do promettedor academico ainda se não firmou bem; notam-se-lhe vacillações e desigualdades que lhe desfeam a phrase; porem o modo de dizer é fluente e nem sempre affectado. Intelligente e lido em bons mestres modernos, o jovem escriptor está no bello periodo dos primeiros enthusismos; palpita ainda nas matutinas illuções litterarias e segue, cantando, a onda revolucionaria do Naturalismo, que transbordou de França, invadió a Russia, a Italia, a Allemanha, a Inglaterra e Portugal, deixando incolome a Hespanha, porque este adoravel país não veste roupa alheia e prefers continuar com os bombros mal agasalhados no velha capa emboraçada do seu cavalheresco romantismo. a ter de seguir-se ás novas modas estrangeiras.

Da onda revolucionaria apenas algumas gottas salpicaram sobre o Brazil, quando ella se estendeu ja em resaca sobre Portugal; gottas insignificantes que aqui se perdem no vasto oceano das lagrimas de tres gerações de lyricos inconsolaveis e chorosos.

Do naturalismo coube-nos portanto na sua natural propagação, uma pequena dóze homeopathica; nem de outro modo pederia acontecer, porque as condições especiaes da nossa vida de povo imberbe são muito diversas das de qualquer encanecido povo europeu. Ha infinitas coisas que no Brazil são naturaes e que n não são em França.

Foi isto o que o Sr. Alvares da Costa não distinguio ainda, apezar da sua incontestavel perspicacia. O jovem escriptor preocupou-se em demasia com os machiavellicos livros de criticas de Zola: não percebeu que esses trabalhos frram talhados com exagero para servir de arma de combate.

Zola romancista não é Zola critico; antes pelo contrario — um é a negação do outro; são contrarios; são quasi inimigos. O leão do moderno romance francez, « o grande epico do *Assomoir* » e da *Obra* » como lhe chamou Eça de Queiroz, quando empunha a maça da critica, segue a philosophia de S. Thomaz; isto é: aconselha ao seus discipulos instaments o contrario do que

ella usa na concepção das suas esplendidas obras.

Esta original duplicidade da Zola desmorteou o Sr. Alvares da Costa e levou-o, mais do uma vez, a cair em feias contradições. S. S. suppoz-as bem attribuido e a sua boa fé trabo-o. Mais tarde, com o desenvolvimento dos seus estudos e o sazonar do seu talento, ba de ver que o mestre francez, nos processos empregados nos seus romances, não deadenha lançar mão do todo o velho cabedal romantico, desde que d'abi lhe voubam bons effeitos e situações brilhanteas. Apenas, no modo de se servir doasas moldes é que differe dos antigos. Scenaas ha am toda a sua obra mais transcendentas a extraordinarias do que aa do mais extremado romantico de 1820; verdadeiros *trucs* de roman-feuilleton; lances theatraes á Alexandre Dumas e ilugo, phantasia de tragedia; nem sempre a mobilia, que guarnece as snas famosas produções, mostra a cor natural da madeira de que ó feita; ha tambem por lá muito pinbo doirado, muita faia plntada, fingindo erable ou mogno.

Dos livros naturalistas de França, só um conhecemos em que não entra yslumbre romantico, em que não ha enredo, nem situações armadaas ao effeito, é a *Cherie*, de Edmundo de Goncourt, obra requintada de esmero, acabadiaslima; um vinho de parreira velba e enfermo, porein magnifico; um fructo mimoso, só nervos, filho de uma pouma viuva, frenetic, viciada por um trabalho aobre-lumano.

Longe de nós a pretensão de, nem de longe, pôr em duvida o merito do grande autor do *Germinal*; seu valor está acima de todo e qualquer juizo contemporaneo; apenas o que dizemos é que — todo aquelle que quizer tomar Zola por modelo e mestre no romance, deve fechar ouvidos á sua critica; e que de resto elle proprio aconselha indirectamente, quando confessa reconhecer na massn do seu sangue uma boa dóze de romantismo, que bebeu no berço, e da qual não conseguiu nunca se desfazer de todo.

Ora, sendo assim, e sendo Zola o chefe da escola naturalista, segue-se que não ha por ora no mundo um naturalista completo, a não ser que se admittam vassallos mais realistas que o mesmo rei.

ALGUEM.

Conclue no proximo numero.

A ALMA E O SOL

«Vem—pela aberta janella,
A mim, doente, como estava,
Dizia o sol—alma escrava,
Vem ser mais livre e mais bella.

Deixa esse fardo que, ás cégas,
E de demencia em demencia,
Pela inutil existencia
Inutilmente carrégas.

Ascende á luz menos baça
Do que essa que te alumia;
No esplendor do eterno dia,
De azas abertas esvoaça.

Vam! do carcera, em qua préssa,
Em vão te dabatás, róto
O grilhão, contempla o Iguoto,
Fita a suprema Belleza;

Paira na vaga que aa penas
Vos lava a o espirito apura,
— Cyan de inuácula alvura
Em tanque de aguas serenaas;

Sóbe ás espheras que, em branco
Anceio, do espaço a fóra
Rolam na curva sonora,
Perpetuamente cantando;

Attinge as claras paragens
Onde aos que amaste e não creste
Ver mais, num ninho celeste
Verás as sanctas imagens.

Vem! Que receio te prostra?
Que ancia rebelde te invade?
Da carne vil, sem sandade,
Sae, como a perola da ostra;

E, já do teu corpo os liames
Desfeitos, de horror tranzida,
Contempla a imagem da vida
Nos teus despojos infames.

Vem! Mais amada e mais bella
Serás... O sol proseguia...
Eu, farto do que lbe ouvis,
Mandei fochar a janella.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Julho, 12 de 1887.

A mais difficil de todns as cousas
difficeis é determinar o que separa a
bondade da frnqueza.

JULES SIMON.

BANALIDADES E PARADOXOS

Muitas vezes a linguagem do despeito é a linguagem da verdade. O homem só diz o que pensa e o que sente quando está aob o dominio de uma paixão.

O acto mais justo, mais oportuno, mais razoavel, encontra sempre opposição e censura.

O homem sensato deve pôr á margem a grita dos descontentes e cumprir os dictames da sua consciencia, mandando-os á fava.

Na vida pratica o sujeito mais tratante, desde que seja activo e diligente, é um membro util á sociedade, ao passo que o individuo mais bem intencionado a mais sincero, desde que seja inerte e preguiçoso, não presta para nada.

A justiça de Deus é a invenção mais engenhosa dos homens.

A primeira qualidnde de um ministro da estado não é o talento, nem a pratica administrativa, nem a serie-dnde de character, nem o amor do trabalho, nam o dom da palavra, nem a coragem, nem a habilidade politica: é saber resistir aos ampenhos dos amigos.

URBANO DUARTE.

NOTA Á PROCISSÃO DOS MORIBUNDOS

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA TEIXEIRA DE QUEIROZ

Este meritissimo magistrado em instancia superior sacreveu versos, na ana mocidade academica, irisados e subjectivamente petrarchistas, dos melhores que então se melodiavam no alande trovndoroso. Entre ns suas produções d'essa época subsiste um poema de extenso folego, scottegno, intitulado *O Castello do Lago*.

Todavia, a extremada emanção litteraria do insigne magistrado é seu filbo, o Sr. Eça do Queiroz, o implantador da novella realista na charneca lusitana. Tem este escriptor dous notorios livros, os primeiros, de factura solida, humana e perduravel, que já mais poderão ser desvalorizados pelas duas obras paradoxaeas, com que a sua capriciosa fantasia esteve brincando alguns anaos—o *Mandarim* e a *Reliquia*. E' a primeira uma especie de apologo, encardido pelo tempo, reflexo de chimeras obsoletas, umns fabularias chinezas, de todo esurias na actualidade das nossas condições biologiens e exigencias do espirito.

A *Reliquia*, essa é uma variegada urdidura de fios de estylo rendilhado de Edgard Quinet, cartonada em pedaços do velho scenario burlesco de Paul de Kock e Crébillon—figurações e tramaoias de peça magica. A alma esplendida do livro, mettida em corpo nssás deformado de gibosidades, é o sonbo da Paixão de Jesus de Nazareth, um 5º Evangelho, sonhado pelo pulha Dom Raposo, desbragado garoto.

Em que miolos tão reles, hypnotisados em todos os alcouces d'aquem e de alem mar, o refulgente phrasista suggeriu um sonbo de transcendente nascere com 150 paginas! Aquelle bigorribas, que nunca teve palavra sincera nem pensamento limpo, Dom Raposo, que adormecia ebrio do seu alcoolismo de asneiras e aspirações canalhas, fazia aquellos somnambulismos messianicos de 150 paginas em 8º! Que desgraçada idéa romancear uma novella da Paixão de Christo por conta do plangente cantor dos fadinhos da Adelia! A philosophia racionalista da Peninsula dá isto e mais nada para os modernos estudos da Christologia.

Foi tudo isso um hysterismo da imaginação esquipatica de uma nevrose do talento, não lbes parece?

Deixem, pois, acordar Homero, e esperem ver cumpridas as promessaa do eminente artista. O forte cerebro do auctor do *Crime do padre Amaro* pôde convulsionar-se doentiamente em epilepsias de desconchavos: mas ameaçar desabamento, isso não. Ninguem se cança em jornada plumitiva tão curta como tem sido a do Sr. Eça.

Eu nunca disse d'este estimavel escriptor senão coisas bonitas, e nunca lb'as direi senão justas, segundo o meu sentimento de justiça. Não obstante, o sr. Eça e alguns seus amigos.— que não podem festejal-o a berros de entuasiismo sem incommodarem os visinbos, e não o sabem acariciar sem escoucear os outros — sempre que lhes vem a talbo de foice implicam comigo, asacando-me aleivosias. Aqui está uma do sr. Eça, do General, que pelo feito parece de cabo de esquadra.

A pagina XX e XXI do Prefacio aos agradaveis *Azulejos*, do meu talentoso

amigo Bernardo de Pinella, lê-se esta dura avoa:

«Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrimas repressas, besuntam-se tambem da lodo. Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, que tão indignamanta nos arguiram de chafurdarmos n'um lameiro, voem agora pé ante pre enlabusar-se com a nossa lama! Depois, arguendo bem alto as capas dos seus livros, que escreveram em grossas lettras este lettreiro — romance realista — parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste, na face mascarada — «Olhem tambem para nós, leiam-nos tambem a nós... Acreditem que tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos muitissimo aujos!»

Salvo seja.
Ora aquillo é comigo. O Sr. Eça do Queiroz desembestou aquolla frebri espontada ao meu peito innocente; mns alvejou com o seu olho mais myope, ou sacrificou a verdade a umas pittorescaas phrasas azédas a já bastante poídas, que não valiam a pena do holocausto.

Em primeiro logar, eu nunca censurarei a pouca limpeza dos livros do Sr. Eça; o, sempre que de passagem os indiquei, foi para os elogiar incondicionalmente; porque para mim livros sujos são sómente os mal ecriptos. Em segundo logar, nenhuma novella minha se inculca na capa *romance realista*. Algum arguiu, com razão, um meu editor que nos annuncios da 1ª pagina dos jornaes especialisava a facturn realista da novella. D'abi procedeu talvez o equivoco importuno a fingellador do Sr. Eça de Queiroz. Se S. Eça, me julgasse menos irracional do que o seu modo de ler o frontispicio dos meus livros sem os ver (eu é que vejo tudo quanto o Insigna romancista imprime) duvidaria que eu fosse capaz d'essa parvoicada para cbamar aos meus romances a attenção dos leitores de S. Eça. Credo! Pois eu precizaria, para ser visto, de mo nivelar com a espadua litteraria do Sr. Eça? Mas, se o fizesse, era essa a *mancira de me tornar invisivel*, como diz a sentença de não sei que grande sabio... Talvez seja do Sr. Eça de Queiroz a sabia sentença.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

ESPINHO NEGRO

E tomba e rola e s'espadaça e morre.
Olevo Bilac.

Chego e paro e olho e vejo tudo triste...
O quarto eli... niaguea dentro da sala...
E minh'alma sómente a procural-a
Em tudo aquillo que na casa existe.

O leito... e fofó leito... não resiste
O prauto e choro) Sua terua fala
Escuto. E' que sómente me consiste
Toda veatura, penso, em escutal-a!

Abro a janella, encosto-me, pensando
Naquelle tempo que se foi veloz,
De mim — tão longe agora — se afastando.

E tenho n'alma, negra e timorata,
O negro espinho da saudade atroz
Que punge e raia e dilacera... e mata!

MARIO PEDREIRA

Carta a Valentim Magalhães

MEU PRECADO CONFRATE

Agora mesmo, quando revolvio os meus livros destinados ás leituras, para escolher os que não dá regalar-me durante as minhas férias de Setembro, que vou passar na montanha natal, quasi atormentado e aterrado ao dar com os seus *Vinte Centos!* Por que me lembrei de repente, verdadeiramente invadido dum rsmorso e de pesar, de que, entre as muitas cousas boas que constantemente — mas em vão — tenciono a ambicionado fazer, fui adiando até ao esquecimento o ideal e reconhecido apeto de mão de parabens cordeaes, que lhe devia pelo exemplar da sua nova obra, com quão gentilmente me brindou.

Isto exposto — *tant bien que mal*, peço-lhe que verbera, á vontade, a preguiça formidável que é uma das minhas virtudes, mas que absolva o meu desculdo: *peccavi!* Pois, quanto á opinião nada autorisada que eu tenho acerca do seu succulento e saboroso livro, que importa que ou lh'a desse logo que o recebi, eu que simplesmente lh'a expressei hoje? Acho que a gente não se dá ao enorme trabalho de fazer livros para receber applausos ou soffrir reparos somente no momento da sua apparição! O que se quer é que elles tenham (como o seu) tantas condições de dura, que a todo o tempo seja cabido o falar-se d'elles. Por mim o declaro: quem quizer lisongear-me mostre-me ainda hoje algum interesse por aquellas pobres *Historias* que sabo.

Synthetizando, e por partes: O primeiro encanto da sua prosa, para mim, é o de ser escripta em puro, perfeito e vivo portuguez. — cousa a que aie permitto ligar um grande valor, porque está sendo excessivamente rara: e lh'a diz o G. Junqueiro que

As cousas mais raras
São mais preciosas!

Como tal a aprecio, desde que li pelas primeiras vezes trabalhos seus na *Gazeta*, — quando ella não tinha aiada, por vezes, a energia e a elasticidade artista que o mau amigo lhe imprime hoje em dia.

O principal caracter que eu acho nos seus contos é o de serem apenas molduras apropriadas ao desenvolvimento de *typos*. Trata, ao que me parece, menos de architectar romancinhos do que de por em pé, á luz da vida, animadas e levadas na variada eagenagem da existencia, figuras que condensam em si certos sentimentos humanos; e, sob esse mesmo ponto de vista, os *Vinte Centos* são uma verdadeira galeria de temperamentos. — investigados sobretudo na sua maneira de ser psychica. E deixe-me dizer-lhe que, nisso, como no brilho que não raro atinge o seu *estyl*, vejo-lhe um accentuado parentesco poetico com o Th. de Banville.

E' claro que eu estou *à la bonne franquette*, aqui entre camaradas, e sem attitulo de juiz. Communico-lhe desafogadamente as minhas impressões, muito menos desenvolvidas do que se estivéssemos conversando, mas com a mesma *façon* e a mesma sinceridade. Por isso, insistirei ainda no brilho do seu *estyl*, que o meu amigo sabe graduar

admiravelmente — e, vá sem incenso: só isso bastaria para demonstrar os seus grandes recursos de escriptor moderno, — e observar-lhe que, uma vez por outra, o *primor* artistico, a impressão colorista da forma (mas aqui estou eu a falar pelas minhas preoccupações pessoais!) parecem-me um pouco descaudados, no seu livro. Mas bem sei que isso pôde ser uma questão de methodo, de tendencia pessoal, ou ainda das circumstancias em que o trabalho seja feito; agora, o que eu, se fosse critico, havia de censurar-lhe rudemente, é o emprego que faz ás vezes das inicias, applicadas a algumas personagens como um *loup*: — «a baronesa de X.», etc... Pois não é verdade que não custa nada a arrsnjar um appellido, — que dá á figura que nós crémomos mais um *aspecto* de vida? E, já agora, direi tambem que acho bastante *vieux jeu* o nome comico do «Senador *Pitadas*»...

Argueiros, de que nem valeria falar. Seja como for, cá levo o seu livro, para raler muitas paginas *estimadas* — *sub tegmine fagi*, em férias.

E, á moda de conclusão direi que, quem tem o seu talento viril e a sua tenacidade na lucta, ba de chegar longe forçosamente, apesar de todos os escolbos e embarsços do meio...

Lisbõa, 27 de—8—87

Seu admirador e collega obrigado
MONTEIRO RAMALHO.

A conversação deve ser como os jogos de cartss, em que cada um joga por sua vez.

MNE. DE STAELL.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Com o titulo *Alvores matinaes* publicou o Sr. Carlos de Avellar Brotero, uma colleção de poesias, prefaciada pelo Dr. Afonso Celso Junior. E' uma linda estrêa. Diremos brevemente a nossa opinião sobre este livro.

Pela essa Garnier foi feita uma nova edição do romance do Dr. Joaquim Maaol de Mscde. *Os dous amores*. E' a quarta. São dois elegantes volumes, bem impressos. Nesta obra do saudoso auctor da *Moreninha* encoatra-se leve, agradável e innocente leitura. Recomendamos a nossos leitores se o nome do auctor não fosse a sua melhor recommendação.

V.

JORNALS E REVISTAS

Sob a direcção do Sr. Felipe Pestans, distincto cultor das letras em nosso paiz, appareceu em Campinas um órgão litterario que se intitula *Letras e Artes*.

O novo collega dá-nos em seu primeiro numero uma excellent colleção de poesias de conhecidos escriptores e insere bellissimos trabalhos em prosa.

A julgar pela sua estrêa e pelos reconhecidos talentos do seu director cremos que ao *Letras e Artes* está reservado um radisate futuro.

Il Brasile. Temos o n. 9 d'esta importante revista italiana. Trata de assumptos economicos e sociais.

O n. 33 d'*O Brazil Medico* contém excellentes escriptos sobre o microbio da febra amarella pelo Dr. Araujo Gomes. trata da sessão da Sociedade de Medicina e Cirurgia e dá-nos uma magafica revista dos jornaes estrangeiros.

O Occidente insere bellas gravuras e varios trabalhos litterarios em seu n. 312. Gervasio Lobato firma uma bella *Chronica Occidental* e João Mendonça enceta a publicação dos seus artigos sobre o museu industrial e commercial de Lisboa.

A *Revista de Engenharia* publico em seus ns. 8 e 9, varios discursos pronuciados por occasião da abertura da exposição dos camiahos de ferro brazileiros, trata de obras hydraulicas, da estatistica applicada ás estradas de ferro e das sessões do Club de Engenharia e outros trabalhos.

Focba este numero uma bem elaborada secção sob o titulo *Varietades*.

Temos o *Guarda-Chuvisco*, jornal que se publica no Club dos Fenianos. Muito bom... para a chuva!

Do Pará chsgam-nos os ns. 5, 6, 7 e 8 d'*A Semana Illustrada*. Muito illustrada e pittoresca.

Está publicado o 2º n. d'*A Vida Semanaria*, de S. Paulo. Traz na primeira pagina o retrato do tenente do exercito Henrique de Macedo, — um bravo do Paraguay, acintosamente demittido pelo presidente de S. Paulo do cargo de seu ajudante de ordens — e na ultima um feliz retrato do prodigioso harpista F. Lebano. Nas pagiaes centraes escriptura Bento Barbosa os principaes casos da vida semanaaria paulista. Quer o joven e talentoso artista que lhe flemos com inteira fraaqueza? Esti imitado muito, mss mesmo muito a *maneira* de Bordallo Pinheiro. Começou por tomar-lhe aquelle gato que sempre o acompaeba, e pelo gosto de se caricaturar a si proprio em toda parte; depois aquelles urbanos, aquelle grupo dos artistas do theatro D. Maris, aquelles *cotegipes* são do *Besouro* e dos *Pontos nos ii*. Bento Barbosa tem talento a valer e decidida vocação para a caricatura. Falta-lhe somente a força de vontade precisa para não imitar ninguém. Fazemos-lhe este aviso, em tempo, porque somos seus sinceros amigos.

O texto variado e agradabilissimo, escripto com espirito e syntaxe. Deliciosa a seguada das *Cartas Chinezas*.

Muito interessante é o segundo numero de *Archivo Brasileiro de Philo-sophia, Jurisprudencia e Litteratura*, dirigido por Clóvia Bevilacqua e João Alfredo de Freitas.

Mais um collega, auspiciosamente apparecido. E' a *Revista Maranhense*, publicação mensal litteraria e scientifica, dirigida por Augusto Brito. No seu despretencioso programma promete que em suas columnas «jamaie

terão acolhimento — nem discussões relativas aos partidos publicos, aem sobre crenças religiosas e, muito menos, sobre questões pessoais.» Traz interessantes artigos e delicados contos; mas traz versos em demasia, e nem todos boas; os alexandrinos do Sr. Paulo Porcira são defeituosos e errados. Em compensação, dá-nos «O naufragio do vapor *Bahia*», bella poesia do Sr. Lima Bratta, um alexandrino correctos, cbeios, harmonioeos; é pena que se encontre nessa poesia a estafada imagem contida nestes versos: «Sorvira-lhes de cyrio e estrella (a alvorada «E Deus foi que os ouvie de ceafissão final»

Muito bom o ultimo n. da *Revista Illustrada*. Dá, na ultima pagina, os retratos do 2º tenente Trypbeno de Oliveira e do guarda-mariaha Mello Alves, iaditoso filho do Conselheiro Thomaz Alves e irmão do nosso precado collega Dr. Thomaz Alves filho, (*Hop-Frog*) victimas de inexplicado naufragio do *Imperial Marinheiro*.

O Mequetrefe inerece em seu n. 411 engraçados desenhos e um texto bem escripto.

O n. 8 da *Revista do Observatorio* traz varios trabalhos sobre astronomia e trata das tempestades dos dias 11 e 12 de Julho fiado. Acompaaha a este artigo uma tabella explicativa do estado do tempo no sul do Imperio durante os dias 8 a 13 do mesmo mez de Julho.

União Medica. Fasc. 9. An. 7º. Como sempre, contém excellentes trabalhos sobre sciencias medicinas.

Em seu n. 34, alem de outros escriptos, dá-nos o *Brazil-Medico* um artigo de fundo sob o titulo *O segredo medico e a molestia do Imperador*. Neste artigo, depois de commentar o desenvolvimento que tem tido a reportagem em nosso paiz, trata da *carta* do Dr. Dermeval sobre a molestia do Imperador.

A.

A CABANA

A BERNARDO DE OLIVEIRA

Eia! vamos galgar o verdjante outeiro,
Onde, após abater da Aurora a rubra tenda,
Rutilo, o Sol engasta o diamante primeiro.

Vás do serro no cimo a rustica vivienda,
Trazendo-nos á idéa extraordinaria carga
De um dromedario sobre a corcova tremenda?

Eia! vamos subindo: a estrada é pouco larga.
Do corrego, que rola e que ao sol irradia,
O curso, a cada passo, o pedregulho embarga.

Ha flores em redor da pobre moradia
Coberta de sapé... Da douda passarada
Os ternos madrigaes dão-lhe um ar de alegria!

Aos nossos pés, agora, a varzea illimitada
Desenrola-se inteira, Chegámos á choupana,
Que, como véis, não é de seda alcantafada;

Não tem divans, nem nella impera a pompa, ufana;
De pau e pique é feita e barro vil, ó fôr...
E é o palacio de um rei, no entanto, esta cabana!

Habita nella, ha muito, este monarcha: — Amor
Agosto de 1887.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CASOS PATUSCOS

As minhas innocentes travessuras de sabbado passado á conta da syntaxe do Dr. Jorge Pinto, pseudonymo do Pulcino, subiram ao sceptico e susceptivel nariz de *Aranha Minor*, fazendo-o espirrar vindicativos debiques contra mim.

Valba-te o diabo, *Aranha*!

Tu és o mais urso de todos os amigos urso que tenho conhecido.

Para defender o amigo Jorge Pinto comprometteste a causa de dois amigos: aquelle e o Dr. Moreira Sampaio, e perdeste a dedicação de um terceiro — eu.

Que affirmei de offensivo contra o Dr. Jorge Pinto? Nada, tres vezes cousa nenhuma. Patuscoei apenas um bocado com a lexiologia, a syntaxe e o estylo do homenzinho, transcrevendo varios pedaços da sua carta de Paris, caprichosamente marchetada de asneiras.

Concedo que *Aranha* devesse vir em defesa do seu amigo; mas para defende-lo com vantagem, para cabalmente refutar-me, só tinha dois meios: — ou provar que não constituem erros e cinco grammaticos os trechos que transcrevi; ou provar que, mesmo commettendo taes erros e taes cinco, mostrando por tal modo ignorar a sua lingua, pode o Dr. Pinto ser considerado scriptor distincto, merecedor de apreço, autoridade sufficiente para guindar poetas á Gloria e para abysmar poetas no Stygo do esquecimento.

Isso devia fazer; fóra d'isso não ha mais do que van parolagem, futil retalheção immerecida.

Ora isso não fez *Aranha*. Consistio a sua defeza em denunciar aos cento e cincoenta e um leitores do *Novidades* quem é o portador do pseudonymo *Fischio*, chamar-lhe patusco, derruir-lhe contra o brando peito uma columna de rijos sarcasmos e aspros epithetos e insinuar uma falsidade.

Fraca defeza!

Uma cousa, d'esse longo artigo, fez-me rir francamente, gostosamente.

Foi a fatuidade, a cega pretensão de *Aranha*, neste periodo: «Lavrado este protesto, que excuso firmar com o meu verdadeiro nome porque pseudonymos transparentes, conhecidos e confessados nomes são etc.»

Oh! oh! o illustre aranhão do *Novidades* acredite que o seu pseudonymo é transparente e é conhecido e tanto, que o dispensa de assignar o seu verdadeiro nome, porque lhe é equivalente! Sancta simplicidade!

Abençoada illusão!

E' verdade que eu sei ha bastante tempo que *Aranha Minor* (minor porque *maxima* é que devers ser) é o Sr. Alcindo Guanabara. Tambem o sabem as tres ou quatro duzias de cavalheiros empregados na redacção dos nossos jornaes e os dois typographos do *Novidades*. Mas esse bandão de gente não é gente bastante para que o Sr. Alcindo creia que qualquer pessoa que, por acaso, leia o seu jornal, lhe conhece o pseudonymo e *Aranha* acredite que todo o mundo lhe conhece e véro nome. *Pas encore, jeune homme, pas encore!*

Aranha chamou-me patusco.

Talvez o sejs; mais patusco, porém, muito mais patusco do que eu é o Sr. Alcindo Guanabara, que foi um dia destes representado por Angelo Agostini, na ultima pagina da *Revista Ilus-*

trada, a redigir o *Novidades* aob o dictado do Sr. ministro da Agricultura, em uma das mesas da respectiva secretaria e não protestou!

Quanto á falsidade que insinuou a respeito de um incidente desagradavel havido ha mezes entre o Dr. Moreira Sampaio e o auctor d'estas linhas, se é certo que aquelle «perdeu por dois segundos a sua habitual calma em plena rua do Ouvidor», não é menos certo que este o fez, logo, arrepende-se de a haver perdido.

Para que dizes o que não sentes, para que escreves o que não pensas, *Aranha*?

Olha, vae vér se concertas a grammatica do teu amigo *Pulcino*. E' o melhor serviço e a melhor defeza que podes fazer-lhe.

FISCHIO.

AMOR DE LAZARO

Um bello dia, aquelle em que começámos a nossa viagem.

O sol brilhante, esplendidamente luminoso, apenas enviava, da incommensuravel altura em que habita, uns raios de brando e grato calor, que nos retemperavam das agruras do frio, marcado por cinco grãos no meu thermometro.

Corria agradavelmente alegre o mez de Maio.

Um pouco mais de coragem, um esforço pequeno ainda, e teriamos chegado ao nosso ponto de parada.

Auras bemfazejas, que ombalsamais em vossa passagem as mattas esmeraldinas dessa paragem, quem me dera poder aspirar a vossa fragrança, sorder a longos haustos a vida que nos trazieis, agors que a enfermidade me prende ao leito, ao qual não posso fugir!

A carne, que me cahia dos membros, como que se sentia presa, aos beijos que lhe daveis, e eu, misero, acreditava ainda que um dia, ao toque desses osculos salutaes, pudesse meu corpo aquecer-se, e fugir ao frio enregelador da morte que já o vinha dominando.

Eu cria!... Mas depois, agora, em que posso cré?r?

Na vida? Mas esta vae-se-me extinguindo aos poucos, lentamente, como o navio que sossobra, que tambem por partes se vae acabando, até que, ferido o casco, tendo livre entrada a agua, acaba por submergir-se.

Cae-me a carne dos dedos; deforme-se-me o rosto; o cráneo é todo uma só escbara, que, como a chamma, devorame o couro cabelludo; envolvem-me os pés pastas de algodão, que são prenuncio de minha condemnação. Elles estão crescendo, augmentando de volume; está tambem se approximando o dia da terminação desta comedia da vida, na qual tão desgraçado e cruel papel me coube desempenhar.

Em que posso cré?r? Na justiça? E houve algum dia justiça na terra? O bom teve a recompensa do seu justo valor, e o scelerado vio impresso na fronte o estigma de sua infamia? Na vida eterna? Mas Deus existe? Mas será immortall esta alma que tenho tão acabrunhada e triste?

Em que devo cré?r? No amor?

Bello dia aquelle! Descambava ser-

namente no horizonte o sol agradabilissimo de Maio.

De Maio, porque com o descambar delle, terminava o ultimo dia d'esse mez no anno de 1883.

Eu tinha os lobulos e os pavilhões das orelhas já engrossados. Lia-se na vivesa do meu olbar, na deformidade do meu rosto a natureza da enfermidade que me invadia o organismo. Estava visivel a qualidade da molestia, mas eu occultava-a, por um tolo requinte de vaidade. Vaidade, sim. Causo riso? E' que os que são maltratados pela natureza não querem soppor que outrem possa maltratal-os tambem.

Um velho medico da localidade e eu eramos as unicas pessoas que tinham certeza da especie de molestia que me minava a existencia. Quanto aos outros, os poucos moradores desses logares, apenas me dirigiam alguns olbares perscrutadores e desconfiados.

Mas eu dissimulava, como podia, a deformidade que ia apparecendo, e não tocava jámais nas minhas conversações em assumpto que pudesse descahir no descobrimento do meu mal.

Do meu mal, antes dos meus males, que effectivamente dois gumes me cortavam o fio da existencia: a morphêa e o amor.

Dualidade horrivel! Não sei se a morphêa deforma o coração, como me defibra o rosto; sei que o amor deve causar grande damno áquelle: sinto-o exageradamente grande, violento nas pulsações, irregular nae emissões sanguineas.

O rosto seductor de uma morena sertaneja não está isempto dos olhares cubicosos de um leproso: a lesma suga as petalhas da rosa.

E ella me sma tambem.

Ha maior ventura na terra, do que seja esta de poder alguém dizer convictamente, sem receio de contestação: amo a um anjo e sou amado tambem?

E cresce de intensidade este demonio que me faz esquecer que a nada posso aspirar.

Mas tu, anjo candido, não vés a monstruosidade d'estas orelhas, sangrentas e volumosas?

Não sentes o cheiro nauseabundo que dimana das feridas que me corromem os tecidos?

Não comprehendes que amas a um homem que não te pôde possuir, que se tenta fazel-o, a voz da consciencia ha de detel-o com energia?

Não imaginas que, se ha perolas no lado, só adornam os anjos como tu? Que se o reptil nojento cubiça a ave innocente, esta foje espavorida ante a hediondez d'aquelle?

E tu me amas, criança, e queres desfolbar tua capella virginal no leito impuro d'este condemnado!?

Foje, ave implume, foje!

Um dia, ella vio no meu rosto e nos meus olhos toda a verdade. Chorou. Lagrimas bemditas aquellas, que me consolaram por momentos, da minha grande desgraça. Chorou... e me disse: — Parta. Velte curado e nos casaremos então.

Voltar curado! Então não me queria assim? Então o amor extinguiu-se uum momento, ante a fealdade da minha physionomia?

Afinal tinha razão. O leproso não tem coração, ou antes tem-n'o, e muito

grande, mas só para amar. Não pôde, porém, ser amado. Privam-n'o disso as feridas que sangram, o rosto que se disforma, os membros que se esphacelam.

Posso erer no amor? Não. Creio em duas coissas: Na existencia d um martyrio infindo: a morphêa; na realidade d'uma paz paz imperturbavel— o tumulo.

Aquella, já me invadio o corpo, soffro cruelmente.

Ests, sinto que se approxima: serei feliz.

V. GUIMARÃES.

O ciume extingue o amor como as cinzas extinguem o fogo.

MARGARIDA DE NAVARRA.

CHRONICA SCIENTIFICA

FACTOS MEDICOS E CIRURGICOS

O Dr. Pedro Affonso Franco é incontestavelmente um dos vultos mais distinctos da cirurgia brasileira; a essa distincção dão-lhe direito os seus vastos conhecimentos chirurgicos e a pericia e mestria com que executa sempre as operações, ainda as mais difficis e delicadas.

E' importante o caso de sua clinica a que nos vamos referir.

Tracta-se de um individuo que trazia havia 11 annos uma bala de revolver assestada no ouvido direito, e que psra ser operado recolheo-se a um dos quartos particulares do Hospital da Misericordia.

Desde a epocha do accidente o doente tinha sempre tentado, sem resultado, extrahir a bala, e seus padecimentos são tão atrozes que o obrigaram a emprender uma viagem e vir á Corte em procura de restabelecimento.

O doente apresentava a orelha edemaciada, e ao redor d'ella quatro tractos fistulosos, pelos quaes corria pús abundante e fetido.

Sendo extremamente difficil proceder ao conveniente exame para reconhecer-se se a bala se achava no interior do ouvido, por causa da extrema sensibilidade da parte, resolveo o distincto operador Dr. Pedro Affonso anesthesiar o doente; o que tendo feito, no dia 15 do corrente mez, pôde, por meio de estilettes, introduzidos nas fistulas até o ponto de convergencia dos tractos, sentir a existencia da bala que ahi se achava alojada.

Então, sem perda de tempo, praticou uma incisão na parte posterior da orelha, de modo a poder deslocal-a completamente, levando-a para diante, de maneira a deixar a descoberto o conducto auditivo. Em seguida, servindo-se do escopro e do martello, penetrou no rochedo, no ponto em que se tinha reconhecido pelas sondagens dever estar a bala, extrahio-a, fez com as colheres de *Folkamam* a raspagem das fungosidades contidas no interior dos tractos fistulosos.

Terminada a operação, procedeu á sutura da parte incisada, collocando a orelha em sua posição normal, e ao rigoroso curativo de *Lister*.

Esta operação, que vem augmentar a brilhante estatística de tão distincto operador, correu sem o menor accidente, e o operado se acha nas melhores condições, não se tendo até o presente manifestado a menor reacção febril.

Pelo Dr. Oscar Bulhões, que tem também um nome feito como habil cirurgião, e que já conta tantos triumphos, acaba de ser praticada com toda a pericia no Hospital da Misericórdia uma bellissima operação.

Tractava-se de um doente cujo pé direito fôra em grande parte esmagado, e o notavel cirurgião praticou a amputação osteo-plastica pelo processo de Pirogoff.

A operação correu sem uenhum accidente; e o enfermo acha-se em magnificas condições.

DR. ONETT.

PAGINAS ESQUECIDAS

Noticia da actual litteratura brasileira

INSTINCTO DE NACIONALIDADE

(Continuação do n. 142)

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se ás vezes uma opinião, que tenho por erronea; é a que só reconhece espirito nacional nas obras que tractam de assumpto local, doutrina que, a ser exacta, limitaria muito os cabedões da nossa litteratura. Gonçalves Dias, por exemplo, com poesias proprias não seria admitido no pantheon nacional; se exceptuarmos os *Tymbiras*, os outros poemas americanos, e certo numero de composições, pertencem os seus versos pelo assumpto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, enthusiasmo, fraquezas e dores geralmente cantam; e excluo dahi as bellas *Sentilhas de Frei Antônio*, que essas pertencem unicamente à litteratura portugueza, não só pelo assumpto que o poeta extrahiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estylo que elle habilmente fez antiquado. O mesmo acontece com os seus dramas, nenhum dos quaes tem por theatro o Brazil. Iria longe si tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria si fosse necessario recorrer aos estranhos. Mae pois que isto vae ser impresso em terra americana e ingleza, perguntarei simplesmente si o auctor de *Song of Hiawatha* não é o mesmo auctor da *Golden Legend*, que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admiravel é; e perguntarei mais si o *Hamlet*, o *Othello*, o *Julio Cesar*, a *Julietta* e *Romeo* tem alguma cousa com a historia ingleza nem com o territorio britannico, e si, entretanto, Shakespeare não é, alem de um genio universal, um poeta essencialmente inglez.

Não ha duvida que uma litteratura, sobretudo uma litteratura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assumptos que lhe offerece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escriptor, antes de tudo, é certo sentimento intimo, que o torne homem do seu tempo e do seu paiz, ainda quando tracte de assumptos re-

motos no tempo e no espaço. Um notavel critico da França, analysando ha tempos um escriptor escocez, Masson, com muito acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser bretão sem falar sempre do tojo, assim Masson era bom escocez, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dicto accrescentando que havia nelle um *scotticismo* interior, diverso e melhor do que si fôra apenas superficial.

Estes e outros pontos cumpria à critica estabelecer-os, se tivéssemos uma critica doctrinaria, ampla, elevada, correspondente ao que ella é em outros paizes. Não a temos. Ha e tem havido escriptos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influencia quotidiana e profunda que deveram exercer. A falta de uma critica assim é um dos maiores males de que padece a nossa litteratura: é mister que a analyse corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de historia se investiguem, que as bellezas se estudem, que os sinões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a litteratura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.

O ROMANCE

Das todas as fórmulas varias as mais cultivadas actualmente no Brazil são o romance e a poesia lyrica; a mais apreciada é o romance, como aliás aconteceu em toda a parte, creio eu. São facéis de perceber as causas desta preferencia da opinião, e por isso não me demoro em apontar-as. Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de philosophia, de linguistica, de critica historica de alta politica, e outros assim, que em alheios paizes acbem facil acolhimento e boa extracção; raras são aqui essas obras e escasso o mercado dellas. O romance pôde-se dizer que domina quasi exclusivamente. Não ha nisto motivo de admiração nem de censura, tractando-se de um paiz que apenas entra na primeira mocidade, e esta não ainda nutrida de aolidos estudos. Isto não é desmerecer o romance, obra d'arte como qualquer outra, e exige da parte de escriptor qualidade de boa nota.

Aqui o romance, como tive occasião de dizer, busca sempre a cór local. A substancia, não menos que os accessorios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a traducção nacional; os da capital do paiz, e em parte os de algumas cidades, muito mais chegados à influencia européa, trazem já uma feição mixta e ademões diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ella é tractada alguns ha de merito real.

Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de analyse, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita pagina instructiva. Do romance puramente de analyse rarissimo exemplar temos, ou porque a nossa indole não nos chame para ahí, ou por que seja esta casta de obras ainda incompativel com a nossa adolescencia litteraria.

O romance brasileiro recommenda-se especialmente pelos toques do sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estylo mui adequada ao espirito do nosso povo. Ha

em vordade occasiões em que essas qualidades parecem saber da sua medida natural, mas em regra conservam-se extremos de censura, vindo a sahir muita cousa interessante, muita realmente bella. O espectáculo da natureza, quando o assumpto o pede, occupa notavel lugar no romance, e dá paginas animadas e pittorescas, e não as cito por me não divertir do objecto exclusivo deste escripto, que é indicar as excellencias e os defeitos do conjunto sem me demorar em pormenores. Ha boas paginas, como digo, e creio até que um grande amor a este recurso da descripção, excellente, sem duvida, mas (como dizem os mestres) de mediano effeito, se não avultam no escriptor outras qualidades essenciaes.

Pelo que respeita à analyse de paixões e caracteres, são muito menos communs os exemplos que podem satisfazer a critica; alguns ha porém de merecimento incontestavel. Esta é, na verdade, uma das partes mais difficeis do romance, e ao mesmo tempo dos mais superiores. Naturalmente exige da parte do escriptor dotes não vulgares de observação, que, ainda em litteraturas mais adiantadas, não andam a rodo nem são a partilha do maior numero.

As tendencias moraes do romance brasileiro são geralmente boas. Nem todos elles serão de principio a fim irreprehensiveis e alguma cousa ha rão que uma critica austera poderia apontar e corrigir. Mas o tom geral é bom. Os livros de certa escola franceza, ainda que muito lidos entre nós, não contaminaram a litteratura brasileira, nem sinto nella tendencias para adoptar as suas doutrinas, o que é já notavel merito. As obras de que falo foram aqui bem-vindas e festejadas, como hospedes, mas não se alliam a familia nem tomaran o governo da casa. Os nomes que, principalmente seduzem a nossa mocidade são os do periodo romantico; os escriptores que se vão buscar para fazer comparações com os nossos, — por que ha aqui muito amor a essas comparações, — são ainda aquolles com que o nosso espirito se educou, os Victor Hugos, os Gautiers, os Mussets, os Gozians, os Nervalis.

Isento por esse lado o romance brasileiro, não menos está de tendencias politicas, e geralmente de todas as questões sociaes, — o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para attestar o facto. Esta casta de obras conserva-se aqui no puro dominio da imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do seculo, alheia ás crises sociaes e philosophicas. Seus principaes elementos são, como disse, a pintura dos costumes, a lucha das paixões, os quadros da natureza, alguma vez estudo dos sentimentos e dos caracteres. Com esses elementos, que são fecundissimos, possuímos já uma galeria numerosa e a muitos respeitos notavel.

No genero dos contos, á maneira de Henri Murger, ou á de Teneba, ou á de Obs. Dickens, que tão diversos são entre si, tem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr. Luiz Guimarães Junior, igualmente folhetuista elegante e jovial. E' genero diffcil, a despeito da sua apparente facilidade, e creio que essa mesma apparencia lhe faz mal, affastando-o delle os escriptores, e não lhe dando, pense eu, o publico toda a

ntenção de que elle é muitas vezes credor.

Em resumo, o romance, fórmula extremamente apreciada e já cultivada com alguma extensão, é um dos titulos da presente geração litteraria. Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma critica minuciosa e aevérea, e si a houvessemos em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam, e as boas qualidades adquiririam maior realce. Ha geralmente viva imaginação, instincto do bello, ingenua admiração da natureza, amor ás cousas patrias, e além de tudo isto agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu fructos excellentes, e os ha de dar em muito maior escala.

MACHADO DE ASSIS.

(Conclue no proximo numero.)

A loucura do Imperador

«Das almas grandes a nobreza é esta.
(BOGAGE)

O Imperador enlouqueceu; e a prova de que assim é nos revelou de ha muito, Deu que nos disse qual o seu intuito Sobre os captivos, antes de ir á cama.

— Enlouqueceu porque esta idéa approva, Não da familia apenas no circuito; Por que contente deu-se nos gratuito, E promettem-nos uma vida nova?!

Pois é isto o que mostra o seu desocoo, E como quiz vencer este barranco? Affirmam-nos que o cerebro tem oco?!

Vamos todos entrar no mesmo flanco: Si é um louco querem-o mais louco: Santa loucura que o tornou tão franco!

J. DE MORAES SILVA

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

ATHENEU DRAMATICO ESTHER DE CARVALHO

Esteve bem concorrida a recita relativa ao corrente mez, que esta digna sociedade brilhantemente realisou na noite de sabbado passado.

Constou o espectáculo das comedias: *Tio Torquato*, *Chicara de chá*, e scenas comicas: *Minha familia*, *Cozinheiro*, *Para a céra do Santissimo*, e poesia *Naufragio do Rio Apa*; e á digna amadora D. Adelaide, e aos dignos amadores os Srs. Zeferino de Almeida, F. Carvalho, Rodrigues, Pereira, Marinho, Teixeira, Novaes e Affonso, a quem, com acerto, foi confiado o desempenho dos principaes papeis, representaram-os habilmente, merecendo do espectadores muitos e repetidos applausos.

Seguiu-se o baile, que se prolongou com toda a animação até ao amanhecer. Foi servida uma lauta ceia, e por esta occasião levantaram-se muitos brindes á digna directoria, sempre amavel e attenciosa para com os seus convidados.

FESTA INDUSTRIAL

Na noticia que da festa dos Srs. Fer,

reira Nicolau & C. demos em o ultimo numero, dissemos que a feria da casa é, mensalmente, de 25.000\$000. Como se possa inferir que essa feria é das vendas effectuadas, apressamo-nos a esclarecer que é a feria paga por mez aos operarios e empregados de ambos os sexos na importantissima fabrica.

TUB HEBE

Realisou a 17 do corrente esta apreciavel sociedade e com grande concurrencia o seu 10º saráu-concerto.

O magnifico programma musical foi fielmente cumprido, e as peças foram bem executadas e coroadas de applausos.

Depois da parte concertante, começou infuudissimo o haile e assim persistio até alta madrugada; a costumada gentileza da respeitavel directoria muito coopera para que sempre brilhem as suas hem organisadas festas.

TIO ANTONIO.

SPORT

Realisou o Derby-Club no domingo passado a sua 11ª corrida com um programma esplendido, contendo pareos inteiramente preenchidos por animaes dos meliores que conhecemos em nossos hippodromos.

Houve bastante concurrencia e animação, sendo a corrida com feliz exito executada e com grande entusiasmo quasi todos os pareos applaudidos. Eis o resultado:

No pareo suplementar, 1600 metros, Bonaparte foi o vencedor em 108 segundos, inesperadamente. Olinda em 2º, Siva em 3º e Paraguaya em 4º. Orange, Echoron e Pancy não mereceram classificação. Rateio 174\$800.

No 1º, 1450 metros deixaram de correr Houhlon e Visiere, pelo que se não pode realisar este pareo, por terem ficado somente dois animaes—Lady e Ormonde.

No 2º, 1750 metros, Odalisca em 119 segundos foi a vencedora, contra a expectativa dos entendedores. Regente, que cbeou em 2º lugar e completamente esgotado, lutou ao partir com Druid, que foi só para representar este papel dramático. Ao som desta musica deixaram de correr Gambetta e Corcovado. Rateio 288\$700.

O 3º, 1200 metros, sendo muitos parceiros inscriptos, dividiu-se em duas turmas, sendo a 1ª de 1 a 6 e a 2ª de 6 a 12.

Na 1ª turma, Huguonot em 81 segundos foi o vencedor, fazendo boa corrida; Cancaniere em 2º lugar e King em 3º. Clareto perdeu o jockey ao partir. Duc fez algumas partidas falsas, correndo duas vezes os 1450 metros, do que resultou vir em grande hagem, juntamente com o Lord. Rateio 408\$300.

Na 2ª turma Gentleman foi o vencedor em 79 segundos, inesperadamente. Pervenche, que chegou em 2º lugar, foi sacrificada, levando uma embarrodadia de um dos seus adversarios. Apollo, que chegou em 3º lugar, tocou musica á grande e correu para perder. Black Satin, Victoria e Sir Tellamond não mereceram classificação. Rateio 71\$000.

No 4º, 2.000 metros, houve uma esplendida corrida entre Boreas e Sihylla,

que lutaram ate o posto, vencendo esta em 136 segundos apenas por insignificante differença. Boreas fez uma esplendida corrida, obtendo o 2º lugar com 60 kilos. Espadilha chegou em 3º: bom lugar. Diva e Dandy não mereceram classificação. Rateio 208\$600.

No 5º, 2650 metros, Salvatus foi o vencedor em 178 segundos. Pbrinéa, que chegou em 2º lugar, nos pareceu em más condições. A superioridade de Phrynéa sobre Salvatus está demonstrada pelos esplendidos tempos que ella tem feito em tiros longos, e esta derrota nos faz palpar grande ronca no Grande Rio de Janeiro. Diversas reclamações bouve neste pareo, dando como causa da derrota de Prynéa ter o jockey Lourenço esporeado esta durante a corrida. Como não temos provas cahaes, suspendemos o nosso juizo até meliores informações. Satan em 3º e Fils d'Artois em 4º lugar. Rateio 468\$000.

No 6º, 1909 metros, Daybreak em 108 segundos venceu facilmente os seus competidores. Mirzador cbeou em 3º lugar, esgotado. Peruana, que chegou em 2º lugar, fez boa corrida. Le Loup e Catita não mereceram classificação. Rateio 258\$100.

No 7º, 1809 metros, Vampa, em 111 segundos, foi o vencedor, fazendo boa corrida. Boyardo chegou em 2º e Raheção em 3º. Fagote, Americana, Arahya e Saltarelle não mereceram classificação. Gambetta não correu. Rateio 388\$100.

O jogo da poule attingiu a avultada somma de 177:570\$000.

L. M. BASTOS

CORREIO

Sr. M. E. M.—Eis como o senbor começa a sua poesia:

«Em florencias a campina já se ebre»

Florencias vá elle. Afinal de contas tamanha somma de asneiras é capaz até de embrutecer a propria sabedoria. Olhe, minha flôr, d'esta vez perdeu o seu latim.

Quando o Senhor conseguir saber onde tem a sua mão direita, então sim: pode, se quizer, dar-nos um ar de sua graça, pois que agora só de sua desgraça foi que o senbor deu-nos um ar.

Sr. K. Roça.—Os seus versos de 4 pés em parellhas, não me satisfazem: quando muito podem servir para puchar o proprio auctor. Ha trastes que se parecem com os donos. Não se chamasse o senbor carroça! Emfim, de uma carroça não se podia mesmo esperar outra coisa.

Sr. Cagliostro Junior—Examinemos a sua mercadoria rimada: que tem por titulo; *Outr'ora*:

«Que é d'ella aquella quadra que eu te vi? Pare sempre...»

Alto, meu amigo! Não ponha mais na carta. Já estou inteirado. Isto afinal de contas não passa de uma parodia da *Que é d'ellas as chaves?* e parodia muito ordinaria.

Pode seguir a sua viagem, que por aqui não encarta a sua busca, não, mas Deus é grande!

Sr. V. D.—Se o senbor pensa que isto aqui é a Ilba da Sapucaia, está muito

enganado. Em falta de ipecacuanha ou de sulfato de magnesia, o seu soneto *Flôr desfolhada* dava um hom vomitorio, ou um limpa-tripas de primeira ordem. Tememos, publicando os seus versos, que o proximo nos caia em cima ás pedradas. Tambem, que diabo! não faltam praias em que o senbor possa despejar este harril de lixo, este hordel com rimas, que nos remetteu.

Sr. Quirino Magda.—Os seus versos são regulares; vou dal-os aqui mesmo:

VI-TE, DONZELLA!

Vi-te, ô anjo, ô fada hella,
E para que vi-te, então,
Se por ti perdeu-se esta alma
E enfermou meu coração?!

Quem és tu que quem te vé
Te adora no mesmo instante?
Sei: tu és o claro sol,
E's estrella scintillante!

Diz-me: porque te afastaste,
Deusa, de minha presença,
Se derramaste em meu peito
Dor negra, cruel, intensa?...

Ai! depois de ter sorvido
O purissimo hydromel,
Exgotei até ao fundo
Calix eivado de fel,

Que preparou-me a saudale
Nesta minha solidão...
Comtudo, espero inda um dia
Estreitar-te ao coração!

Espero, sim, ô donzella,
A tua face oscular,
E que o bom tempo de outr'ora
Outra vez ha de voltar.

Podiam e deviam ser meliores; mas, emfim, publico-os para animal-o a continuar a estudar.

Sr. Quinto Coutto.—E' tão contradictoria a sua peça (é mesmo uma peça, um verdadeiro canhão Krupp), tem ella taes desconchavos e descertos e desorganisações que me trouxe á lembrança esta estrophe humoristica que li em crianca, não sei em que livro (estrophe que tem graça e está tão distante, em correção, das suas, como o céu de um nateiro, entenda-se):

Um surdo completamente
Ouviu um mudo dizer
Que um cego vira a um côxo
A toda a brida a correr.

Ou esta outra quadrinha, que é muito mais expressiva e casa-se ao seu producto como uma luva:

Papagaio pennas verdes,
Dizei-me onde vós moraes;
Casa velha é tudo ratos.
Morre quem Deus é servido.

Ao ler esta quadra e a sua poesia não ha quem se não lembre d'estes dictos populares: Deus as fez e o diabo as ajuntou. Lê com lé, cré com cré. Onde vai a corda vai a caçamba. Diz a cara com a careta. Onde entra pai Francisco entra uinha *mué* tambem.

Sr. Peixe Plaque—A sua poesia ficou na hagem. Tambem ella está tão manca que nem com o rehenque da critica será capaz de espirrar para adiante. Ninguem mandou que o senbor lhe pregasse aos queixos um harbicaço de harbarismos. Em todo caso, como neste mundo tudo é possivel, talvez que

o senbor, conseguindo amansala e ajaesala mais decentemente, possa um dia (no dia de S. Nunca, por exemplo) vel-a publicada, pondo mais nma vez, em evidencia, aquelle rifão que diz, que cavallo de cangalha tambem leva sella. Até ver não é tarde.

Chilena no bicho!

Sr. V. X.—O que é isto? Abrande o entusiasmo. Vá-se compor, que o amigo, assim em ceroulas, não põe aqui nem a ponta do pé. Pois nós, que temos negado a entrada a outros, uicamente por não trazerem a gravata do *estyllo*, havemos de a dar ao senbor que, além de se ter esquecido do casaco da metrificação, nem sequer ao menos lembrou-se de enfiar nas pernas as calças da sintaxe? Ora vá curar a perna e tapar as vergonhas e deixe de me amolar.

Sr. C. Mello.—O verho *jazer* não é unipessoal. E' perfectamente correcto dizer-se: *Aqui jazem* os restos mortaes de Fulano ou de... um perú receiado. Dizer: «*Aqui jaz os restos*» é fnzer jús a meia duzia de holos.

ENRICO.

DECLARAÇÃO

O abaixo assignado tem a honra de declarar que a propriedade litteraria do poemeto—*Luiz de Camões*—de que é autor, pertence ao Imperio do Brazil aos Exmos. Srs. Dr. Valentim Magalhães e João Joaquim de Araujo Carvalho, amhos residentes no Rio de Janeiro.

Porto, 20 de agosto de 1887.

JOAQUIM DE ARAUJO.

RECEBEMOS

—O *Mercurio*, a impagavel revista comico-phantastica de 1886 de Artbur Azevedo e Moreira Sampaio.

—Proposta apresentada ao Governo Imperial para applicação do frigorifico aos wagons conductores de carne verde pelo tenente-coronel Joaquim A. Lohato de Vasconcellos.

—Do augmento das lesões cardio-vasculares no Rio de Janeiro e de suas causas; pelo Dr. Carlos Rodrigues de Vasconcellos.

—Da casa *Au Petit Journal* os ns. 33 do *Salon de la Mode* e 16 de *Le Printemps*. Excellentes jornaes de moda.

—*Lisboa em quatro horas* e *Lisboa em quatro dias*. E' o titulo de um livro editado pelo Sr. José de Mello. Recomendamos este trahalho aos nossos leitores: é muito util e necessario no Rio, para passear em... Lisboa.

—Discurso proferido no dia 14 de Agosto na kermesse promovida pela imprensa em favor do Monumento Tiburcio, no Ceará, pelo Sr. Justiniano de Serpa.

—Estatutos da Sociedade Loterica Estrella do Norte na Estação da Lage de Muriahé.

—Relatorio do presidente da commissão do Monumento do Ypiranga,

lido em sessão de 7 de Setembro do corrente.

— Do Sr. José de Mello representante da casa David Corazzi os fasc. 10 e 11 d'As Farpas, os fasc. 43, 44 e 45 dos *Invisíveis de Lisboa* e os fasc. 48 e 49 das *Fahulas de La Fontaine*.

— *O segredo de todas as tintas e vernizes*. É um livrinho de muita utilidade para os empreiteiros, artistas e officiaes.

— *Relatorio da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Casa Branca*, apresentado pelo Sr. Commendador Antonio José Corrêa.

— *Argumentos das peças O Bastardo, Mercadet e A morte de Arduino*.

— *O Guarany*, grande edição illustrada, fasc. n. 5. com uma grande e boa gravura. Mais uma vez recommendamos esta hellia e patriótica publicação, toda feita com elementos nacionaes.

CORREIO DA GERENCIA

— Sr. Agente do Correio de Miracema. Cá recebemos as folhas devolvidas. Todos os assignantes d'essa localidade (à excepção do Sr. Antonio Xavier Rodrigues, que está pago até o fim d'este mez) estão em debito para conosco. Devolver a folha é um direito do assignante, mas pagar o debito com a empreza é um dever. Esperamos que o cumpram.

— Sr. Capitão J. D. da C. Attendido.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

Dr. André Rangel.—O. Rua da Quitanda n. 99. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles —encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho —Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, no. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoço e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert, Irmãos & Haas. — Juiz de Fora.

Pharmacia Monteiro Praça da Constituição n. 28, em frente á esttua. Vinho de pepsina e diastase paucreatinado, preparado por Monteiro & Marques.

Almanack de Casa Branca Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslau d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocinio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Solicitador—Francisco R. de Nvaes—Juiz de Fora.

Augusto Luzo.—incumbe-se grauitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Compra-se uma machina de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio de Andrade.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Alvores matinaes, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do prélo. Preço do volume: 2\$000.

SOARES DA CAMARA

CHIMICO PHARMACEUTICO

Analyses de productos naturaes e industriaes, de urinas, calculos e aréas da bexiga.—Rua 1º de Março n. 22, pharmacia e drogaria.

ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 3\$000. Encad. 4\$000.

LYCEU DE S. GONÇALO

Provincia de Minas Geraes, cidade de S. Gonçalo do Sapucahy

Neste collegio leccionam-se todas as materias do curso primario e as do secundario necessarias á matricula nos cursos superiores do Imperio.

As aulas funcionam desde o dia 7 de Janeiro até o ultimo dia util de Outubro.

O DIRECTOR,

José Gomes dos Santos Guimarães.

OBRAS COMPLETAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O primeiro a publicar, RETRATO DE RICA RDINA todos os volumes serão *Illustrados de uma esplendida gravura executada pelos Sis.*

CONDEIXA, HEITOR & LALLEMANT

Com este volume daremos, além da gravura um RETRATO DO AUCTOR aos 33 annos, mais tarde com outro volume, offereceremos aos nossos assignantes um bom RETRATO MODERNO DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A edição é LUXUOSA. A publicação far-se-ha em fasciculos de 72, ou 60 paginas e uma GRAVURA, pelo preço de 500 rs, cada uma entrega quinzenal.

Está aberta assignatura na Rua do Hospicio n. 57, sobrado. Toda a correspondencia a J. A. Roque, representante dos Livreiros editores Campos & C., de Lisboa. Aceitam-se correspondentes nas provincias, dando-se boas vantagens. Para tratar-se na rua e numero supra,

Obras que se acham á venda na Rua do Hospicio n. 57 sobrado, Succursal de Campos & C.

José Antonio de Freitas

HAMLET, tragedia em 5 actos, precedida dum notavel estudo critico, um grosso vol..... 4\$000
OTHELO, tragedia em 5 actos. 1\$500

Henrique Lopes de Mendonça

O DUQUE DE VIZEU drama em 5 actos, tendo junto A Noiva, drama em 1 acto..... 4\$000
SGANARELLO, comedia em 1 acto de Molière, versão.... 800

Eckmann Chatrian

O ILLUSTRE DR. MATHEUS, um elegante vol. ornado com 16 estampas e capa desenhada por Bordallo Pinheiro..... 2\$000
D. Guiomar Torrezão, Moura Cahral, Gervasio Lobato, Fialho d'Almeida, Julio Cezar Machado e Candido de Magalhães *Contos Cór de Rosa*..... 2\$000

Braz Tizana Junior

CASAMENTO IMMACULADO 800
POR VARIOS ESCRITORES
UNIVERSO ILLUSTRADO, 5 vol. com 524 gravuras..... 25\$000

Está aberta a assignatura do *Jornal do Domingo*, dão-se gratis aos Srs. assignantes os numeros que lhes faltarem.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéos inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéos finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO FASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert. Typ. d'A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado